

A Paixão de / por Antígona

Maria Cecília A.M. de Amorim¹

Laio, filho de Lábdaco, nutriu em sua juventude uma paixão por Crísipo, filho de Pêlops. Segundo alguns autores gregos, seria a inauguração dos amores homossexuais. Laio raptou Crísipo e foi amaldiçoado por Pêlops, que desejou ao desafeto o castigo de morrer sem deixar descendentes. Posteriormente, Laio casou-se com Jocasta e tornou-se rei de Tebas. Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo por seus amores com Crísipo, se nascesse um filho dele e de Jocasta, esse filho o mataria. Esse filho é Édipo, que conhecemos bem sua trajetória, que em seu desconhecimento se casa com Jocasta, sua própria mãe; de seu casamento com Jocasta, nasceram Polinices, Etéocles, Antígona e Ismene.

“Os males sob o teto dos Labdácidas vêm de Longe” canta o coro, depois que a sentença de morte de Antígona foi anunciada. Uma punição por querer sepultar seu irmão, Polinices, morto pelo próprio irmão Etéocles, na disputa pelo poder de Tebas. E continuam: “o meu desejo é que os deuses jamais extingam essa funesta desavença.”

A Maldição proferida por Édipo a seus filhos vem reiterar a maldição antiga feita a seu pai, Laio.

Minha proposta neste trabalho é interrogar a respeito da maldição, tendo como suporte a saga de Antígona.

Poderíamos levantar a questão de a maldição ser a *marca* que carregou a família dos Labdácidas e que carregamos todos nós? É um dito que representa o desejo do Outro?

Lacan, no texto de 1980 “O mal entendido”, revela que “de trauma não há outro: o homem nasce mal entendido, nasce de uma linhagem da qual boa parte de suas *desgraças* provém de que ele já nadava no mal entendido. É disso que vocês herdam. O mal entendido já está desde antes, não há outro trauma do nascimento senão o de nascer como desejado. Desejado ou não – é a mesma coisa já que é pelo parlêtre (ser falante)”.

O dito é sempre maldito?

O sujeito emerge do real pela incidência de uma marca; marca primeira que, ignorada pelo sujeito, opera já antes de seu nascimento. Freud, no *Eu e Isso*, afirma que “todo saber provém da percepção externa”, é de fora, do Outro, que o sujeito se constitui como saber inconsciente.

Antígona não vacila. A partir do enfrentamento pelo poder em Tebas entre seus dois irmãos, ela decide enterrar Polinices, apesar do edito contrário proclamado por Creonte, rei de Tebas, segundo o qual seria condenado à morte quem ousasse enterrar o cadáver.

Antígona não aceita que seu irmão seja privado de sepultura. Seu dever ético obedece a uma lei, diferente da de Creonte; lei que se funda sobre a relação significativa, ele é seu irmão, insubstituível; ignorar esta lei é a pior traição, a do significativo que inscreve o ser falante no campo do Outro. Ela não evoca nenhum outro direito. Antígona é levada por uma paixão, “eu não teria desafiado a lei dos cidadãos por um marido ou um filho, mas aqui se trata de meu irmão, meu pai e mãe estão escondidos no hades, não há mais nenhuma chance de que irmão algum jamais

¹ Membro da Escola Letra Freudiana.

nasça.”

O termo no qual se centra o drama de Antígona – Até. Essa palavra designa o limite que a vida humana não poderia transpor por muito tempo. Ela não agüenta mais, sua vida não vale a pena ser vivida. A beleza de Antígona se encontra no lugar que ela ocupa no entre dois de dois campos simbolicamente diferenciados: situada numa zona limite entre a vida e a morte. Ela é implacável, ultrapassa os limites humanos, seu desejo visa precisamente isso - para além de Até. A Até, que provém do campo do Outro, é onde Antígona se situa. Ela leva ao limite o que se pode chamar de desejo puro, o puro e simples desejo de morte, esse desejo ela o encarna.

Antígona é condenada ao suplicio, o de ser enterrada viva numa tumba. “O destino de uma vida que vai confundir-se com a morte certa, morte vivida de maneira antecipada, morte invadindo o domínio da vida, vida invadindo a morte”. “Há muito tempo renunciei à vida para poder socorrer os mortos” diz ela.

Antígona fica aderida ao dito/maldito - o desejo do Outro. Dá uma consistência ao desejo do Outro: o desejo do Outro é seu desejo, não há nenhuma mediação. Para ela o desejo do Outro existe: esse dito maldito.

Lacan, no Seminário da Ética, comenta que é a maldição lançada por Édipo que engendra a sequência catastrófica onde se inscreve Antígona. Antígona decide assumir o “ser” do criminal ao preço do aniquilamento do seu ser. Seu desejo, radicalmente destrutivo, insiste na marca de gozo da união incestuosa que gerou a descendência. O crime assim configurado não pode ser esquecido e Antígona se faz a representante do gozo original. .

“Quero que me vejas bela de uma beleza que ninguém possuirá. Suprimirei a maldição que pesa sobre nós; tenho a meu cargo, para terminar com ela, a maldição que pesa sobre a casa dos Labdácidas. Levanto-me contra Creonte, levantei-me também contra a tua própria palavra, tornada homicida porque, em tua dor, só a fúria era digna para ti. Eu, que escutei essas palavras que te foram ditas: Não haver nascido! Faço-as minhas como última homenagem a nosso destino.”

E. Vidal afirma que, no ato trágico, algo essencial permanece excluído da castração. Antígona, guiada pelo desejo de morte, não recua ante sua destruição, avança vitoriosa na direção desse limite. Em nome do desejo, parece ceder à fascinação do gozo mortífero, e não há palavra que a detenha.

É ela mesma quem diz: Ah! desgraçada, que não debes contar nem entre os humanos nem entre os mortos, e não debes morar entre os mortos nem entre os vivos”.

No texto “Há do Um -Y a d'l'um”, E.Vidal aponta que a operação analítica produz um dizer, que quebra a série significativa, que se destaca do dito. O que o analista escuta na dimensão do dito é isso que se decanta, que cai como um dizer do Um da não relação. Ao destacar dos ditos da demanda, um dizer único e privilegiado, Lacan dá o lugar da interpretação efetuando a passagem da palavra à escrita. O dizer ex-siste ao dito, como resposta do real. O dizer fica esquecido atrás do dito; não há acesso ao dizer senão através do dito. Onde isso era devo eu vir a ser, mas ao preço de desaparecer do dito, para tornar-me dizer. Haverá nesse discurso, a possibilidade de uma passagem da impotência – função imaginária da castração que sustenta o fantasma – à impossibilidade lógica do real.

Antígona não pôde fazer a passagem do seu dito/maldito em um dizer do Ya d'l'un!

No seminário da Ética, Lacan diz que “a psicanálise procede por um retorno ao sentido da ação. A hipótese freudiana do inconsciente supõe que a ação do homem tem um sentido escondido para o qual se pode dirigir. Nessa dimensão, a noção é concebida, de início, a partir de uma catarse que é purificação, decantação, isolamento

de planos.” Na análise, a idéia de decantação, isolamento de planos, demarca um campo onde a pergunta em torno da relação entre o ato e o desejo é colocada. O sentido da ação do homem pode ser interrogado ao longo de uma análise; diferente do herói trágico, que não recua, age.

A travessia analítica comporta o risco de confrontar-se com o desejo.

“A função do desejo deve permanecer numa relação fundamental com a morte. O término da análise, o verdadeiro, aquele que prepara a tornar analista, não deve ela a seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana”?

“A experiência analítica não é apenas uma aposta na vida, é também reintrodução da morte na vida. Nisto está aparentada com o trágico”.

Bibliografia:

- Sófocles - “Antígona” In: A trilogia Tebana, versão de M.G.Kury, Zahar, 1989
- Lacan, J - “A Ética da Psicanálise” Seminário Livro VII 1959-60. Zahar, 1988
 - “O Mal entendido” 1980, In “Documentos para Escola” Letra Freudiana Ano I n 0
- Vidal, E. “Maldição e bem-dizer”, In “A ética da Psicanálise” Letra Freudiana n 7/8
 - Encerramento das Jornadas, In “A Negação” Letra Freudiana Ano VIII n 5
 - “Há do Um – Y a d’Un”, In “Número, Transferência, Fantasma, Direção Da Cura” Letra Freudiana Ano XII n ¼
 - “Notas sobre o Ideal”, In “Édipo, Não tão Complexo” Letra Freudiana Ano XXVII
- Yankelevich, H – “A Morte de Antígona, ou Do Gozo Trágico”, In “A Ética da Psicanálise”
Letra Freudiana n 7/8
- Castilho, G. – “De Édipo Rei a Édipo em Colono”, In “Édipo, Não tão Complexo”
Letra Freudiana Ano XXVII n 39
- Quinet, A – “Um Olhar a Mais” Cap 3 “Coisa Escópica do Desejo” Zahar